

RESENHAS

Remediados senhores: a sociedade escravista carioca no Oitocentos

Poor masters: the Rio de Janeiro slave society in the XVIII century

Douglas Cole Libby

FRANK, Zephyr L. *Dutra's World: Wealth and Family in Nineteenth-Century Rio de Janeiro*. Albuquerque: University of New Mexico Press, 2004.

Com a publicação de seu primeiro livro, o jovem professor da Stanford University, Zephyr Frank, já desponta como um dos mais expressivos estudiosos do passado brasileiro entre a nova geração de brasilianistas. O texto é fino e de uma clareza admirável, o que faz dele uma leitura particularmente aprazível. O embasamento empírico é sólido, pois, além de centrado em uma considerável amostra de inventários *post mortem*, recorre ao cruzamento de dados provenientes de um amplo e variado leque de fontes primá-

rias. Ao mesmo tempo, o autor se dispõe, com bastante freqüência, a discutir a natureza das fontes e os problemas de interpretação por elas apresentados, reconhecendo, por exemplo, as limitações inerentes aos inventários e insistindo que seus próprios achados acerca da acumulação e distribuição de riqueza na cidade do Rio de Janeiro não passam de (bem fundamentadas) estimativas. Mais importante ainda, é que Frank se preocupa em estabelecer um diálogo entre abordagens historiográficas distintas, numa tentativa de interligar os “micro-alicerces da História às macro-estruturas”. Na verdade, *Dutra's World* constitui um admirável e bem sucedido esforço no sentido de fazer com que a quantificação e as hipóteses sujeitas à com-

provação da cliometria comuniquem com as reconstituições de vida da micro-história e com a História Social, assim contribuindo para melhorar nossa compreensão de um determinado passado em toda sua complexidade.

Este ambicioso empreendimento se baseia na contextualização da vida do barbeiro-cirurgião-músico, Antônio José Dutra, um congo forro, e a de seus descendentes. Não se sabe exatamente quando Antônio Dutra fez a travessia do Atlântico Sul a bordo de um navio negreiro ou a data de seu desembarque no porto do Rio de Janeiro, nem quando ou como obteve sua alforria. Não obstante, ao falecer em meados do ano de 1849, Dutra deixou um patrimônio de 15:421\$000 que incluía 14 escravos - 13 africanos e um crioulo novinho, filho da cozinheira Carlota. Todos os 11 cativos homens eram barbeiros e/ou músicos, pois Dutra, além de manter sua loja de barbeiro-cirurgião na Rua da Alfândega, também era líder de uma banda composta por seus escravos. Investigações mais pormenorizadas vão apimentando a reconstrução da vida deste bem sucedido ex-escravo, revelando suas sucessivas uniões amorosas.

O que importa aqui, no entanto, é o fato de que a vida de Antô-

nio Dutra não constituía algo excepcional. No Rio de Janeiro da primeira metade do século XIX, a mobilidade social de livres e libertos de todas as cores e origens era corriqueira, ao mesmo tempo se alimentando e fazendo parte do dinamismo econômico e social da cidade. Os chamados setores médios, quase sempre formados por remediados senhores e senhoras de escravos, figuravam entre os pilares da sociedade carioca do oitocentos.¹ Como argumenta Frank, pelo menos até 1850, a escravidão e, sobretudo, uma farta oferta de novas peças africanas relativamente baratas teriam desempenhado um papel fundamental na acumulação de riqueza por parte de milhares de comerciantes, mestres oficiais, profissionais liberais e rentistas urbanos (inclusive aqueles que viviam do aluguel de escravos). A própria história do liberto Antônio Dutra ilustra muito bem os mecanismos de acumulação e mobilidade: com os lucros auferidos na sua barbearia, Dutra foi adquirindo escravos adicionais e, em algum momento, alcançou a massa crítica que permitiu a formação da banda, daí em diante sua maior fonte de renda. Tratava-se de uma estratégia não sem riscos, pois uma única epidemia poderia ser desastrosa em ter-

mos de perda de vida dos componentes das pequenas e médias posses. Da mesma forma, no complexo contexto urbano e face à resistência cotidiana de escravos e escravas, o tamanho das posses ficava limitado pela capacidade de vigilância de proprietários que não podiam estar em todos os lugares o tempo todo. O resultado foi o enorme peso dos pequenos e médios plantéis na população mancípia total da capital da Colônia e, depois, do Império. Com efeito, o autor demonstra com clareza que a propriedade em escravos teve um peso muito maior na composição do patrimônio dos indivíduos pertencentes aos setores médios do que entre os possuidores de grandes fortunas.

Este vínculo vital da incipiente classe média carioca com a instituição da escravidão significava, obviamente, que o destino daquela dependia da continuidade desta. E, como se sabe, o termo continuidade não se conjugava muito bem com a escravidão em meio a um cenário internacional que se tornava cada vez mais decididamente abolicionista no decorrer do século XIX. Momentaneamente, o término do tráfico negreiro internacional para o Brasil e o súbito aumento dos preços de escravos resultaram numa surpreendente

valorização das fortunas médias. Porém, a crescente escassez da mercadoria escrava rapidamente obstaculizou as estratégias de ascendência social e econômica baseadas na aquisição de mão-de-obra mancípia. O mundo de Dutra e de legiões de remediados senhores de escravos estava a ruir diante da marcante concentração de riqueza que acompanhou a consolidação da economia cafeeira, a implantação das ferrovias e o surgimento de novos e sofisticados instrumentos de investimento. Em contrapartida, aos poucos, a sociedade carioca — e, na verdade, a brasileira — perdia seu compromisso com a instituição da escravidão. Mais tarde, diante do esvaziamento da cidade em termos de escravos que foram sendo realocados na cafeicultura e do fracasso do projeto de emancipação gradual e ordeira, representado pela Lei do Ventre Livre, cariocas — e brasileiros — iriam abraçar a causa abolicionista.

Pode-se afirmar que a releitura de Zephyr Frank do Rio de Janeiro no oitocentos, além de original e instigante, tem bastante relevância para a História de outras cidades e regiões do Brasil no mesmo período. Afinal, o peso dos setores médios não foi uma característica exclusiva do Rio ou de centros urbanos

em geral. Estudos recentes² vêm mostrando que as pequenas e médias posses de escravos predominavam em quase todas as regiões brasileiras que não estivessem diretamente ligadas à agro-exportação. Urge-se, portanto, uma tradução de qualidade de *Dutra's World*, para que esta obra possa alcançar o maior número possível de leitores brasileiros.

Notas

¹ Este perfil do Rio de Janeiro corresponde aos achados de Kátia Mattoso para Salvador no século XIX. MATTOSO, Kátia de Q. *Bahia, século XIX: uma Província no Império*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1992, p. 629.

² Ver, entre outros, LUNA, Francisco Vidal. & KLEIN, Herbert S. *Slavery and the Economy of São Paulo, 1750-1850*. Stanford, Stanford University Press, 2003, pp. 126-129; BARICKMAN, B. J. *Um contraponto baiano: açúcar, fumo, mandioca e escravidão no Recôncavo, 1780-1860*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003, pp. 244-248; MOTTA, José Flávio. *Corpos escravos, vontades livres: posse de cativos e família escrava em Bananal (1801-1829)*. São Paulo, Annablume/FAPESP, 1999, pp. 86-97, 171; LIBBY, Douglas Cole. *Transformação e trabalho em uma economia escravista: Minas Gerais no século XIX*. São Paulo, Brasiliense, 1988, pp. 97-109 e GUTIÉRREZ, Horácio. “Demografia escrava numa economia não exportadora: Paraná, 1800-1830”, *Estudos Econômicos* 17, nº 2, maio-agosto 1987, pp. 297-314.